

Fatores determinantes da saúde mental das mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista

Determining factors of the mental health of mothers of children with Autism Spectrum Disorder

DOI:10.34117/bjdv8n12-114

Recebimento dos originais: 10/11/2022

Aceitação para publicação: 12/12/2022

Valdemberto Salomão Modesto Jacó Pereira Campos

Graduando em Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)

Instituição: Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)

Endereço: Av. Barreto de Menezes, 738, Prazeres, Jaboatão dos Guararapes - PE,
CEP: 54410-100

E-mail: valdemberto.salomao@soufits.com.br

Alfredo Manoel Ramiro Basto de Barros Costa

Graduando em Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)

Instituição: Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)

Endereço: Av. Barreto de Menezes, 738, Prazeres, Jaboatão dos Guararapes - PE,
CEP: 54410-100

E-mail: alfredo.manoel@soufits.com.br

Leonardo Lopes Jatobá Tenório

Graduando em Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)

Instituição: Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)

Endereço: Av. Barreto de Menezes, 738, Prazeres, Jaboatão dos Guararapes - PE,
CEP: 54410-100

E-mail: Leonardo.lopes@soufits.com.br

João Victor Mariano de Lima

Graduando em Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)

Instituição: Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)

Endereço: Av. Barreto de Menezes, 738, Prazeres, Jaboatão dos Guararapes - PE,
CEP: 54410-100

E-mail: joao.victor@soufits.com.br

Hugo Caldas Torres

Graduando em Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)

Instituição: Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)

Endereço: Av. Barreto de Menezes, 738, Prazeres, Jaboatão dos Guararapes - PE,
CEP: 54410-100

E-mail: hugo.caldas@soufits.com.br

Luiz Flávio Teixeira Rêgo

Graduando em Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)
Instituição: Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)
Endereço: Av. Barreto de Menezes, 738, Prazeres, Jaboatão dos Guararapes - PE,
CEP: 54410-100
E-mail: luiz.flavio@soufits.com.br

José Alves Tenório Neto

Graduando em Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)
Instituição: Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)
Endereço: Av. Barreto de Menezes, 738, Prazeres, Jaboatão dos Guararapes - PE,
CEP: 54410-100
E-mail: jose.alves@soufits.com.br

Yorhana Carla de Farias

Graduanda em Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)
Instituição: Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)
Endereço: Av. Barreto de Menezes, 738, Prazeres, Jaboatão dos Guararapes - PE,
CEP: 54410-100
E-mail: yorhana.carla@soufits.com.br

Juliane Nunes Quintino

Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU)
Instituição: Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU)
Endereço: R. Jonathas de Vasconcelos, 316, Boa Viagem, Recife - PE, CEP: 51021-140
E-mail: julianenunes1@hotmail.com

Ítalo Thiago Lavôr Silva

Graduando em Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)
Instituição: Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)
Endereço: Av. Barreto de Menezes, 738, Prazeres, Jaboatão dos Guararapes - PE,
CEP: 54410-100
E-mail: Italo.thaigo@soufits.com.br

Eduarda Campos Lemos

Graduanda em Medicina pela Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)
Instituição: Faculdade Integrada Tiradentes (FITS)
Endereço: Av. Barreto de Menezes, 738, Prazeres, Jaboatão dos Guararapes - PE,
CEP: 54410-100
E-mail: eduarda.campos@soufits.com.br

Wanessa Pereira Campos Gonçalves Arraes

Graduada em Odontologia pela Universidade Tiradentes (UNIT)
Instituição: Universidade Tiradentes (UNIT)
Endereço: Av. Caxangá, 4453, Várzea, Recife - PE, CEP: 50740-000
E-mail: wanessaarraes_@hotmail.com

RESUMO

Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm como característica principal déficits sociocomunicativos, necessitando, dependendo do grau, de um acompanhante para um suporte intenso e em tempo integral que, geralmente, vem da sua mãe biológica. Em decorrência dos comportamentos ansiosos, hiperativos, déficits de adaptação, déficits de comunicação e interação do autista há prejuízos no seu desenvolvimento, comunicação e socialização, além de interferir na rotina da família e, principalmente, na saúde mental e física da mãe. O recebimento do diagnóstico pode ser um alívio ou um sofrimento, gerando repercussões negativas ou positivas na percepção materna. Essas mulheres passam por um processo de aceitação do diagnóstico e da condição dos seus filhos. As críticas negativas, exclusão social, regras de gênero e sobrecarga de deveres favorecem o surgimento de acometimentos psiquiátricos na mãe de filho com TEA. Além do próprio transtorno, comorbidades frequentes também dificultam o manejo dessas crianças pela progenitora. Dependendo do significado dado ao diagnóstico do seu filho, as cuidadoras podem ter diversas formas de lidar com a vivência diária, mas sabe-se que isso interfere diretamente na saúde de suas mentes. Deve ser ressaltada a importância dos profissionais de saúde para nortear essas mães, uma vez que elas os vêem como autoridades de informação e se baseiam nos dados informados para tomada de decisão. Eles fazem parte das formas de apoio fornecidas e percebidas pelas mulheres que exercem a maternidade de filhos com o transtorno. A forma, tipo, qualidade e intimidade envolvidos no apoio são significativos para a percepção do suporte pela mãe. São necessários mais estudos para entender melhor a situação dessas mães no Brasil e no mundo, pois a literatura nacional é escassa. Dessa forma será possível cuidar de quem cuida.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, mãe, saúde mental, estratégias de cuidado, gênero.

ABSTRACT

People with Autism Spectrum Disorder (ASD) have as their main characteristic socio-communicative deficits, requiring, depending on the degree, a companion for intense and full-time support that usually comes from their biological mother. As a result of the anxious, hyperactive behaviors, adaptation deficits, communication and interaction deficits of the autistic, there are losses in their development, communication and socialization, in addition to interfering in the family's routine and, mainly, in the mother's mental and physical health. Receiving the diagnosis can be a relief or a suffering, generating negative or positive repercussions on the maternal perception. These women go through a process of acceptance of the diagnosis and condition of their children. Negative criticism, social exclusion, gender rules and overload of duties favor the emergence of psychiatric disorders in the mother of a child with ASD. In addition to the disorder itself, frequent comorbidities also make it difficult for the mother to manage these children. Depending on the meaning given to their child's diagnosis, caregivers may have different ways of dealing with daily life, but it is known that this directly interferes with the health of their minds. The importance of health professionals to guide these mothers should be highlighted, since they see them as information authorities and rely on informed data for decision making. They are part of the forms of support provided and perceived by women who have children with the disorder. The form, type, quality and intimacy involved in support are significant for the mother's perception of support. More studies are needed to better understand the situation of these mothers in Brazil and in the world, as national literature is scarce. That way it will be possible to take care of those who care.

Keywords: Autism Spectrum Disorder, mother, mental health, care strategies, genre.

1 INTRODUÇÃO

Os Transtornos do Neurodesenvolvimento são um grupo de condições identificadas no início das primeiras fases da vida de uma criança (SOUZA & NUNES, 2019; FARO et al, 2019; HYMAN et al, 2020; BI, 2022). No caso do Transtorno do Espectro Autista (TEA), que faz parte do grupo citado, há déficits acentuados nas habilidades de socialização e comunicação, associando-se a interesses restritos e comportamentos repetitivos, intrínsecos a doença e difíceis de serem trabalhados (CONSTANTINIDIS & SILVA & RIBEIRO, 2018; FONTANA & PEREIRA & RODRIGUES, 2020). Dependendo do grau, a criança com TEA pode necessitar de apoio intenso. Tal necessidade é proveniente das dificuldades características do transtorno, sendo de significativa importância ter um acompanhante em tempo integral, que frequentemente é a mãe, para, assim, tentar suprir seus déficits (ILIAS et al, 2018; FERNANDES & TOMAZELLI & GIRIANELLI, 2020; ANG & LOH, 2019; JORGE et al, 2019).

Estima-se que o número de pessoas com TEA no mundo é de 70 milhões, já no Brasil a quantidade é de 2 milhões. (ANDRADE & BRITO, 2022). A atual proporção é de uma criança com TEA para cada 68 não portadoras, onde em 2000 essa proporção foi de 1:150 (CETINBAKIS, 2018; ALMEIDA, 2020). Consequentemente, cada vez mais mães abdicam de suas atividades para se dedicarem aos cuidados com seus filhos autistas (MORAES, 2022). Esse aumento pode ser reflexo do maior acesso à informação no século XXI ou por uma possível elevação da quantidade de pessoas com o transtorno (JORGE et al, 2019). Ao mesmo tempo, obter o diagnóstico da condição é um processo demorado e desgastante para essas mulheres. O fato de não saber o que há com seu filho, uma vez que as idealizações construídas na gestação caem por terra, e não saber como buscar ajuda ou negar a realidade de que algo está errado causam muito sofrimento para as mães. Fato esse que atrasa o manejo correto da criança, perpetuando e agravando os sinais do autismo (JORGE et al, 2019; ALVES & VIVIAN & HIRDES, 2022).

O diagnóstico e as dependências em atividades diárias podem levar a mudanças e problemas no âmbito familiar, como estresse parental, sobrecarga de quem se dispõem a cuidar, problemas conjugais e econômicos (CONSTANTINIDIS, & SILVA & RIBEIRO, 2018; CROWELL & KELUSKAR & GORECKI, 2019; FARO et al, 2019;

FERNANDES & TOMAZELLI & GIRIANELLI, 2020). As progenitoras podem reagir de várias formas ao receberem o diagnóstico. As principais são: o alívio de saber como conduzir o caso, sensação de sofrimento intenso, evitar o problema ou negar a realidade diagnóstica. Essas interpretações estão altamente relacionadas a forma de lidar, podendo seguir com efeitos positivos ou negativos (CONSTANTINIDIS & SILVA & RIBEIRO, 2018). Tais dificuldades enfrentadas pela mãe podem ser interpretadas como fatores de risco para redução da sua saúde mental (FARO et al, 2019).

Com tantas características de deficiências sociocomunicativas do TEA, há dificuldade no convívio e mudanças no arranjo familiar, principalmente para a mãe, que frequentemente é a cuidadora e a mais sobrecarregada (CONSTANTINIDIS & SILVA & RIBEIRO, 2018; SOUZA & NUNES, 2019; FARO et al, 2019; CROWELL & KELUSKAR & GORECKI, 2019; OLIVEIRA et al, 2019). Trabalhos realizados evidenciam os impactos à saúde mental materna, exemplos são sintomas depressivos, ansiosos e elevados níveis de estresse. Alguns determinantes desse impacto são, por exemplo, acúmulo de funções, isolamento por alta demanda de tempo dedicado à criança, coping (forma de lidar), não cuidar de si, falta de apoio social, estigma internalizado e social (CONSTANTINIDIS & SILVA & RIBEIRO, 2018; ILIAS et al, 2018; ANG & LOH, 2019; ÖZ & YÜKSEL & NASIROĞLU, 2020; JORGE et al, 2019; ZAVAGLIA & VISINTIN & VAISBERG, 2022).

Este trabalho tem como objetivo, através dos dados obtidos na literatura atual, identificar fatores que interferem na saúde mental de mães com filhos autistas, assim como oferecer possíveis estratégias para auxiliá-las a enfrentá-los.

2 METODOLOGIA

A modalidade de revisão narrativa de literatura foi escolhida por sua característica que permite, além da pesquisa, o desenvolvimento crítico sobre o material de referência. As buscas realizadas para a construção deste artigo ocorreram através da base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), ScienceDirect e Google Scholar. Os termos utilizados na pesquisa foram Transtorno do Espectro Autista, Mãe, Saúde Mental, Estratégias de Cuidado e Gênero, nas línguas inglesa, portuguesa e espanhola. Das 85 literaturas, as quais passaram pelo processo de análise de inclusão no tema escolhido, 26 foram selecionadas e utilizadas para síntese deste trabalho.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), popularmente chamado de autismo, têm déficits sociocomunicativos e, dependendo do grau, necessitam de um suporte intenso e em tempo integral de um acompanhante, que, geralmente, é sua mãe biológica (OLIVEIRA et al, 2019). Atualmente não se sabe ao certo a causa específica, mas as principais hipóteses aceitas pela comunidade acadêmica são a origem genética, interferência de fatores ambientais e problemas na gestação. Diversos artigos científicos e pesquisas recentes evidenciam o aumento expressivo de casos diagnosticados, mas o motivo ainda é obscuro. Pode ser decorrente do real aumento da incidência ou uma melhora no acesso à informação e diagnóstico (ALVES, 2018; CETINBAKIS, 2018; DALGALARRONDO, 2018; SOUZA & NUNES, 2019; ALMEIDA, 2020; FERNANDES, 2022; FONTANA & PEREIRA & RODRIGUES, 2020; ANDRADE; 2022).

A quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) elenca as principais características do TEA. São identificados déficits atuais e na história pessoal do paciente, tanto na comunicação ou interação sociais em vários contextos, como na escola, em casa, lojas, igreja, etc. A presença de dois ou mais comportamentos e padrões restritos, repetitivos, interesses e ou atividades devem estar presentes. Exemplos desses comportamentos são movimentos motores, muitas vezes o flapping (movimento repetitivo de balançar as mãos), insistência inflexível em ações ou rotinas e interesses fixos, como preocupação com um determinado objeto, por exemplo. Além desses comportamentos há a hipo ou hiper responsividade a estímulos do ambiente, como não reagir a uma queda ou chorar ao sentir determinada textura (DALGALARRONDO, 2018; SOUZA & NUNES, 2019; FARO et al, 2019; HYMAN et al, 2020).

Devido a alta incidência de comorbidades em autistas, como Deficiência Intelectual (DI), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e dislexia, é importante fazer o Diagnóstico Diferencial (DD) ou identificar a condição concomitante. Para firmar o diagnóstico com segurança, os sinais devem ter surgido logo nas primeiras fases do desenvolvimento, persistirem e causarem prejuízo a áreas importantes da vida do paciente no presente (CETINBAKIS, 2018; ILIAS et al, 2018; AGARWAL, 2019; CROWELL & KELUSKAR & GORECKI, 2019; OLIVEIRA et al, 2019; RIOS & CAMARGO, 2019; SOUZA & NUNES, 2019; HYMAN et al, 2020; ANDRADE & BRITO, 2022; BI, 2022).

Em decorrência dos comportamentos ansiosos, hiperativos, deficiências de adaptação, déficits de comunicação e interação que o autista apresenta, há prejuízos no seu desenvolvimento, comunicação e socialização. Há comprometimento da rotina da família e, principalmente, da mãe, aspectos que podem se agravar sem o diagnóstico e tratamento precoces (ANG & LOH, 2019; CROWELL & KELUSKAR & GORECKI, 2019; ANDRADE & BRITO, 2022). Esse padrão comportamental pode ser comparado a uma retroalimentação positiva, quanto mais houver perpetuação dos comportamentos negativos sem o devido manejo, mais há reforço positivo, tornando-se o manejo mais difícil. O reforço positivo também é usado nas Terapias Cognitivo-Comportamentais, porém com o intuito de reforçar o comportamento socialmente aceito e reduzir os danos. Essa prática favorece a redução de ações que podem gerar estresse para o meio social em que está inserido, principalmente para sua principal cuidadora, a mãe (GENOVESE & BUTLER, 2020).

Como supracitado, as mães são as principais responsáveis pelos cuidados dos seus filhos autistas. Quando identificam diferenças, uma das primeiras decisões feitas por elas é a busca de ajuda profissional. O início do contato pode não esclarecer suas dúvidas, tanto por falta de capacitação do profissional de saúde quanto por aparente desinteresse desses profissionais em oferecer suporte. Esses acontecimentos atrasam o diagnóstico e tratamento precoce, reduzindo, conseqüentemente, o potencial de desenvolvimento da criança e perpetuando ações estressoras do filho para a mãe. (ILIAS et al, 2018; OLIVEIRA et al, 2019; SILVAA et al, 2019; VIANA, 2020).

Toda a rotina da família muda após receber um integrante com Transtorno do Espectro Autista. A família se vê, no início, sem as habilidades e ferramentas para cuidar e enfrentar os desafios do TEA. Em razão disso, é necessária a identificação e o desenvolvimento das habilidades de cuidado e acolhimento da mãe e da criança. A família deve estar preparada para alterar a configuração dos móveis, seus horários, rotina de sono e atividades de lazer (FONTANNA, 2019; MARQUES, 2021). Na situação de uma reunião de família que tem uma criança autista hiper responsiva a estímulos, os sons não podem ser muito altos, não deve haver aglomeração em um pequeno espaço e os alimentos devem ser escolhidos com atenção. As medidas exemplificadas são ações que possibilitam a esse indivíduo mais chances de sucesso ao socializar-se, evitando reações potencialmente estressoras para seus familiares e a mãe.

O recebimento do diagnóstico tem uma característica peculiar, pode ser um alívio, por saber o que fazer a partir daquele momento, ou levar a um enorme sofrimento, por

perda das idealizações feitas no período gestacional sobre a prole (CONSTANTINIDIS & SILVA & RIBEIRO, 2018). O restante do conjunto familiar também passa por esse processo, sendo muito difícil se conformar com a condição (JORGE et al, 2019). Isso é claro nos relatos coletados descritos no trabalho de CONSTANTINIDIS & SILVA & RIBEIRO (2018). Na fala de uma das mães, ela fez referência a “cair em um buraco” ao receber o diagnóstico revelando o sentimento de tristeza intensa e quebra das suas expectativas do filho ideal. O trabalho de FONTANNA (2019) mostrou que algumas mães vivenciam experiências semelhantes ao luto.

O alívio em ter o diagnóstico fechado após muito desgaste e insistência na procura ajuda é uma possibilidade compreensível. CONSTANTINIDIS, & SILVA & RIBEIRO (2018) registrou a fala de outra mãe com filho diagnosticado com TEA na qual relata que chegou a chorar de alívio ao ouvir as palavras de confirmação do médico. Após a hipótese diagnóstica afirmada, essas mulheres passam por um processo de aceitação, reconhecendo e buscando o tratamento, para acolher seu filho com amor e com a visão carinhosa necessária (CONSTANTINIDIS & SILVA & RIBEIRO, 2018). Além da mãe, o restante do conjunto familiar também passa por esse processo, sendo muito difícil se conformar com a condição devido a falta de informação, preconceito e estigmas (ILIAS et al, 2018; JORGE et al, 2019).

Infelizmente a sociedade ainda não está preparada para lidar com crianças autistas. As críticas negativas e exclusão recebidas devido aos comportamentos e problemas de comunicação dos seus filhos com autismo causam repercussões prejudiciais à saúde da mãe. Essa exclusão pode acontecer também vindo dos próprios familiares. Fato esse que dificulta os avanços na interação e socialização entre mãe e sociedade com TEA, além da possibilidade de comprometimento dos resultados alcançados. O acolhimento pela progenitora, sociedade e família são essenciais para o desenvolvimento da criança com autismo (ILIAS et al, 2018; ANG & LOH, 2019; GUISSOLFFI, 2019; JORGE et al, 2019).

Contudo, esse maior comprometimento pode aumentar o estresse e levar ao desenvolvimento de sintomas ansiosos e ou depressivos na progenitora (JORGE et al, 2019; ANG & LOH, 2019). Ao longo dos anos estudos relacionando TEA e suas comorbidades foram produzidos, constatando que o grau do autismo e intensidade das manifestações favoreciam o surgimento do Estresse Parental (EP) e o surgimento de sintomas de ansiedade e depressão nos pais (CROWELL & KELUSKAR & GORECKI, 2019; JAHAN et al, 2020; LIDA, 2018; ANG & LOH, 2019; ÖZ & YÜKSEL & NASIROĞLU, 2020; ALVES & VIVIAN & HIRDES, 2022; BI, 2022). No estudo de ÖZ

& YÜKSEL & NASIROĞLU (2020) foi demonstrada a prevalência de 29,8% de transtornos afetivos em mães de crianças pré-escolares com autismo. O estado emocional dos pais e a qualidade e quantidade do suporte aos seus filhos com TEA são diretamente proporcionais (CROWELL & KELUSKAR & GORECKI, 2019).

Cada mãe tem seu coping (maneira de lidar) para os acontecimentos do dia a dia do seu filho com TEA. O coping é composto de planejamento, emoção e comportamento para lidar com demandas internas ou externas. Tem-se como principais a evitação, o foco no problema, foco na emoção e negação da realidade. O foco no problema frequentemente tem efeitos negativos, sendo que muitas vezes ele não tem solução e a busca pelo culpado gera atritos, desgastes e ansiedade. A Negação da realidade é exaustiva por frequentemente tentar camuflar os déficits do filho, crendo que é algo relacionado a coisas religiosas ou místicas, o que também atrasa o devido tratamento e prejudica o desenvolvimento do seu filho. Evitação também gera sentimentos negativos por acúmulo, tentando não pensar ou manejar aquela situação para afastar esses sentimentos. Por fim, a forma de focar na emoção se mostra a mais benéfica, pois ela se utiliza do suporte dos seus familiares ou pessoas que tenham intimidade (CONSTANTINIDIS & SILVA & RIBEIRO, 2018; ILIAS et al, 2018; ANG & LOH, 2019; OLIVEIRA et al, 2019; BI, 2022).

O apoio é uma importante ferramenta para dar suporte à mãe. Segundo BI (2022), existem três tipos: a) Instrumental: prestação de ajuda material, como cuidar ou disponibilizar um espaço; b) Informacional: contribuição com informações relevantes para o manejo da condição e lidar com os desafios e; c) Emocional: ter empatia, confiança e cuidado com a mãe. Esses suportes são obtidos através da rede de apoio disponível. ANG & LOH (2019) trouxe a informação em seu estudo de que quanto maior o apoio social e emocional, melhor será a saúde mental dessa mãe. A forma de apoio instrumental pode ser constituída por casa de familiares, instituições e suporte financeiro, dessa forma é possível ter um tempo para se cuidar ou resolver pendências fora de casa, que, com o comportamento do filho, seria quase impossível e geraria bastante estresse (IIDA et al, 2018).

O segundo meio de apoio pode ser fornecido de diversas maneiras. A internet, por exemplo, facilita o acesso à informação e pode ser acessada na maior parte do globo terrestre. É uma ferramenta eficiente para aumentar o conhecimento dessas mães sobre o TEA. O conhecimento sobre a condição é um fator ligado à aceitação por parte materna e familiar, uma vez que terão menos chances de acreditarem em falas sociais sem

fundamentos. Além do mais, as mães de crianças autistas podem auxiliar umas às outras com troca de experiências e conhecimentos adquiridos em rodas de conversa. Ainda no apoio informacional, deve-se ressaltar a importância dos profissionais de saúde. Os trabalhadores dessa área são indispensáveis para levar dados confiáveis e de qualidade para as mães, pois, uma vez capacitados, elas terão mais segurança nas suas tomadas de decisões para a condição do seu filho. A influência dos profissionais de saúde foi demonstrada no trabalho de BENTO et al (2020). Nele, conclui-se que mulheres em período de aleitamento têm mais segurança e se sentem mais capazes de amamentar seu filho (IIDA et al, 2018; ILIAS et al, 2018; CONSTANTINIDIS & SILVA & RIBEIRO, 2018; MÜLLER & SANTOS & SOUZA, 2021; BI, 2022)

Em relação ao apoio emocional, pode ser obtido através de conversas com a família, pessoas mais íntimas, rodas de conversas com outras mães de pacientes com o transtorno e profissionais da saúde mental (CONSTANTINIDIS & SILVA & RIBEIRO, 2018; BI, 2022). Um dos relatos das entrevistas de CONSTANTINIDES (2018), mães comparam suas colegas dos grupos de conversas com “irmãs de alma”, isso evidencia a capacidade do apoio emocional em fazer essas mulheres se sentirem parte de um grupo disposto a lhe ouvir. Por outro lado, mães que não recebem apoio dado por pessoas íntimas e próximas tendem a níveis altos de estresse, importante preditor do desenvolvimento de depressão (PICARDI et al, 2018; ANG & LOH, 2019; TSERMENTSELI, 2021).

Ainda sobre o apoio, o estudo de FADDA & CURY (2019) apresentou a informação da relação entre apoio percebido, reconhecido pelo destinatário, e saúde mental materna. Foi percebido que mães, devido às diversas preocupações com seu filho, creem que somente elas poderiam cuidar dele, mesmo que tivesse apoio oferecido por algumas pessoas. Nesse ponto é possível ter a visão do apoio recebido, uma vez que essa mãe tem que ter uma relação de confiança e intimidade para se sentir apoiada. Quando há baixa percepção de suporte, principalmente do emocional, as mães têm maior propensão a maiores níveis de estresse e, como supracitado, sintomas depressivos e ansiosos (IIDA et al, 2018; ANG & LOH, 2019; FARO et al, 2019; TSERMENTSELI, 2021).

O suporte oferecido à mulher que exerce a maternidade ajuda a enfrentar as necessidades diárias dos filhos autistas, uma vez que muitas mães se dedicam exclusivamente aos cuidados deles, abdicando da carreira profissional. As que tentam conciliar o trabalho e os cuidados acabam acumulando responsabilidades e se desgastando ainda mais. (CONSTANTINIDIS & SILVA & RIBEIRO, 2018; ALVES &

VIVIAN & HIRDES, 2022). Tal abdicação está ligada ao funcionamento e regras sociais. Na pesquisa realizada por OLIVEIRA et al (2019), na cidade de Balsas no Maranhão, ficou evidente a participação feminina no manejo das crianças, onde 100% eram mulheres e 79,5% eram as mães biológicas. O trabalho de FARO et al (2019) também descreveu dados semelhantes, 85% dos cuidadores entrevistados eram do sexo feminino e oito décimos dessas mulheres eram as mães.

Os autores ANG & LOH (2019) pontuaram aspectos de regras de ser do gênero feminino e de ser mãe relacionando-os à habilidade “inata” de cuidar. Essa forma de enxergar a sociedade vai ao encontro da ideia de idealização da maternidade, onde a essa mulher é perfeita e tem um dom. Tal visão é errônea uma vez que a maternidade é construída e cabe ao cuidador o desenvolvimento das habilidades de zelar (CONSTANTINIDES, 2018; ANG & LOH, 2019; ZAVAGLIA & VISINTIN & VAISBERG, 2022). Sendo assim, por tomarem essas crenças para si, o peso de ter que ser a única cuidadora e se sentir incapaz de ser mãe, por tudo que lhe é cobrado pela sociedade, o auto julgamento as leva a sentimentos negativos (FARO et al, 2019). A baixa autoestima, junto às críticas das pessoas que não entendem o comportamento da criança ou não tem empatia para com a mãe, pioram ainda mais os quadros negativos da saúde mental. A partir desses dados, fica clara a imposição social da mulher como cuidadora e mãe por “instinto” e o impacto das ações das pessoas ao seu redor no sofrimento emocional.

4 CONCLUSÃO

As mães de crianças autistas acumulam responsabilidades, passam por um doloroso processo de diagnóstico e aceitação, lidam com os comportamentos não socialmente aceitos dos filhos, assim como consequências do preconceito, além de sofrerem exclusão intra e extra familiar, entre eles conflitos conjugais. Sua realidade diária a leva a buscar forças, quase esgotadas, para dar o amor, carinho e a atenção necessários para o cuidado dos seus filhos com TEA. O abandono de expectativas para seu próprio futuro e do seu filho com Transtorno do Espectro Autista forçam-na a rever seus planejamentos quase que do ponto de partida.

Ao associar os problemas no cuidado com seus filhos aos papéis de gênero impostos pela sociedade, sofrem ainda mais por se sentirem incapazes de realizar sua “função social”. Com sua rotina pesada e desgastante, apresentam altos níveis de estresse, fato que é um importante preditivo de acometimento à sua saúde mental e física. Visando

a importância do cuidado com a saúde da mente dessas mulheres é indispensável uma grande rede de apoio para que elas lidem da melhor forma com a criança e consigo próprias. Quanto maior o suporte social, mais fácil será o manejo de suas emoções. Também é inegável o importante papel dos profissionais de saúde, no que se diz respeito à distribuição de informação confiável e suporte psicológico profissional para escolha do coping para a mulher que exerce a maternidade de uma criança com o Transtorno do espectro autista. A família se torna um elemento chave para percepção de apoio, assim como de seu filho. A ajuda de seus entes queridos é altamente impactante no suporte percebido pela mãe. A saúde mental das cuidadoras é negligenciada pelos serviços públicos, família e sociedade, sendo que seu estado mental reflete no melhor desenvolvimento da criança com TEA. Quem cuida está deixando de se cuidar e ser cuidada.

São necessárias mais pesquisas sobre o tema no Brasil. A literatura nacional sobre a saúde mental das mães de filhos com TEA é escassa e a maior parte das informações sobre o assunto são obtidas em artigos do exterior, mascarando possíveis características próprias das mães brasileiras. A ampliação das informações ajudaria a desenvolver estratégias, políticas públicas, técnicas e outras medidas para auxiliar essas mães que precisam com urgência de um olhar atencioso e de uma escuta especializada, além de várias outras demandas que podem não estar evidentes na literatura atual, tanto por não contemplarem bem a situação brasileira quanto por falta de estudos sobre o tema. Cuidar de quem cuida é importante tanto para manter a saúde mental dessas mães quanto para o desenvolvimento dos seus filhos com TEA.

REFERÊNCIAS

ALVES, Silvana F. S.; VIVIAN, Aline G.; HIRDES, Alice. IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 NA SAÚDE DE CUIDADORES DE PESSOAS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA . **SciELO Preprints** , 2021. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.3269. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3269>. Acesso em: 1 ago. 2022.

ANDRADE, Izabel C. F. de; BRITO, Josiane V. A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Revista GepesVida**, v. 8, n. 18, 2022.

ANG, Karen Q. P.; LOH, Pek R. Mental health and coping in parents of children with autism spectrum disorder (ASD) in Singapore: An examination of gender role in caring. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 49, n. 5, p. 2129-2145, 2019.

BENTO, Débora A. B et al. A Importância da Influência do Profissional de Saúde no Aleitamento Materno/The Importance of Health Professional Influence on Breastfeeding. ID on line. **Revista de psicologia**, v. 14, n. 49, p. 725-736, 2020.

BI, Xiao-bin et al. Influência da Rede de Apoio Social e do Apoio Social Percebido no Bem-Estar Subjetivo de Mães de Crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Frontiers in Psychology** , v. 13, 2022.

CONSTANTINIDIS, Teresinha C.; SILVA, Laila C. da; RIBEIRO, Maria C. C. “Todo mundo quer ter um filho perfeito”: vivências de mães de crianças com autismo. **Psico-USF**, v. 23, p. 47-58, 2018.

CROWELL, Judith A.; KELUSKAR, Jennifer; GORECKI, Amanda. Parenting behavior and the development of children with autism spectrum disorder. **Comprehensive psychiatry**, v. 90, p. 21-29, 2019.

DALGALARRONDO, Paulo. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. **Artmed Editora**, 2018.

FADDA, Gisella M.; CURY, Vera E. A experiência de mães e pais no relacionamento com o filho diagnosticado com autismo. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 35, 2019.

FARO, Kátia Carvalho Amaral et al. Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. **Psico**, v. 50, n. 2, p. e30080-e30080, 2019.

FERNANDES, Conceição S.; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania R. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia USP**, v. 31, 2020.

FONTANA, Larissa B.; PEREIRA, Daniela de S. ; RODRIGUES, Tatiane P.. O impacto do transtorno autista nas relações familiares. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 6336-6340, 2020.

GENOVESE, Ana; BUTLER, Merlin G. Avaliação clínica, genética e abordagens de tratamento no transtorno do espectro do autismo (TEA). **Revista Internacional de Ciências Moleculares** , v. 21, n. 13, pág. 4726, 2020.

GUISSOLFFI, Suelen R. Cotidiano de crianças diagnosticadas com autismo: os sentidos atribuídos pelas famílias. **Psicologia-Florianópolis**, 2019.

IIDA, Naoko et al. Effectiveness of parent training in improving stress-coping capability, anxiety, and depression in mothers raising children with autism spectrum disorder. **Neuropsychiatric Disease and Treatment**, v. 14, p. 3355, 2018.

ILIAS, Kartini et al. Estresse parental e resiliência em pais de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) no sudeste da Ásia: uma revisão sistemática. **Fronteiras em psicologia**, v. 9, p. 280, 2018.

JAHAN, Sharmin et al. Depressão e comportamentos suicidas entre mães de crianças com transtorno do espectro autista em Bangladesh: um estudo comparativo. **Revista asiática de psiquiatria**, 2020.

JORGE, Renata P. C. et al. Diagnóstico de autismo infantil e suas repercussões nas relações familiares e educacionais. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 6, p. 5065-5077, 2019.

MORAES, Thiago A. P. M. et al. O direito a políticas públicas de saúde de um paciente com transtorno do espectro autista e sua consequência nas relações familiares: um relato de caso. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 6, p. 42575-42594, 2022.

MÜLLER, Elsa; SANTOS, Bárbara C. M.; SOUZA, Camilo D. de. AUTISMO: DOS PAPÉIS PARA A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE. **Mostra de Extensão, Ciência e Tecnologia da Unisc**, n. 2, p. 173, 2021.

OLIVEIRA, Maria V. M. de et al. Rastreamento precoce dos sinais de autismo infantil: Um estudo na atenção primária à saúde. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**, v. 2, n. 2, p. 48-53, 2019.

ÖZ, Büşra; YÜKSEL, Tuğba; NASIROĞLU, Serhat. Depression-anxiety symptoms and stigma perception in mothers of children with autism spectrum disorder. **Archives of Neuropsychiatry**, v. 57, n. 1, p. 50, 2020.

PICARDI, Angelo et al. Parental burden and its correlates in families of children with autism spectrum disorder: a multicentre study with two comparison groups. **Clinical practice and epidemiology in mental health: CP & EMH**, v. 14, p. 143, 2018.

RIOS, Clarice; CAMARGO, Kenneth R. Especialismo, especificidade e identidade-as controvérsias em torno do autismo no SUS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 1111-1120, 2019.

SILVAA, Shaiane À. de et al. Conhecimento da equipe interprofissional acerca do autismo infantil. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 9, p. 01-18, 2019.

SOUZA, Renata F. de; NUNES, Débora R. de P. Transtornos do processamento sensorial no autismo: algumas considerações. **Revista Educação Especial**, v. 32, p. 1-17, 2019.

ZAVAGLIA, Marina M. F.; VISINTIN, Carlos D. N.; VAISBERG, Tânia M. J. A. Maternagem de filhos com dificuldades graves de desenvolvimento. **Psico**, v. 53, n. 1, p. e37103-e37103, 2022.